

# SABERES LOCALIZADOS DE MULHERES NEGRAS: PERSPECTIVAS PARA NARRATIVAS DECOLONIAIS\*

## LOCALIZED KNOWLEDGE OF BLACK WOMEN: PERSPECTIVES FOR DECOLONIAL NARRATIVES

Cledineia Carvalho Santos 1

Deisiene Cruz 2

Helisandra dos Reis Santos 3

Natália Coimbra 4

**Resumo:** Em tempos de movimentos anti-ciências, especialmente no campo das ciências humanas e sociais, de uma profunda ojeriza aos intelectuais, propomos reflexões de narrativas em torno dos saberes localizados, como insurgência da desobediência epistêmica ao hegemonismo intelectual, a partir do lugar de pesquisadoras conectadas pelas experiências comuns que nos atravessam, fazendo pesquisa sobre produção e difusão do conhecimento no campo dos estudos de gênero, raça e geração. Para tanto, o método que colabora para a corporificação da pesquisa é a etnografia, em que nos ousamos nas experimentações do “saber localizado”, uma modelagem ética, estética e política, tecida no saber e ser de mulheres negras, imbricadas por suas histórias comuns, como potencialidades para a construção de uma narrativa que se lance para uma epistemologia decolonial. Como resultado, apontamos para os atravessamentos identitários das colaboradoras que perpassam o limite territorial. Com este trabalho, refletimos sobre os saberes de mulheres periféricas, enquanto agentes do conhecimento situado e legítimo dentro de epistemologias que estão fora do radar, mas que ainda assim, ocupam uma lógica dentro de estruturas legitimadas por suas comunidades.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras. Saberes Localizados. Decolonialidade.

**Abstract:** In times of anti-science movements, especially in the field of the humanities and social sciences, with a deep hatred of intellectuals, we propose reflections on narratives around localized knowledge, as an insurgency of epistemic disobedience to intellectual hegemonism, from the place of researchers connected by the common experiences that cross us, doing research on the production and dissemination of knowledge in the field of gender, race and generation studies. To this end, the method that contributes to the embodiment of the research is ethnography, in which we dare to experiment with «localized knowledge», an ethical, aesthetic and political modeling, woven into the knowledge and being of black women, imbricated by their common histories, as potentialities for the construction of a narrative that moves towards a decolonial epistemology. As a result, we point to the identity crossings of the collaborators that go beyond the territorial limit. With this work, we reflect on the knowledge of peripheral women, as agents of situated and legitimate knowledge within epistemologies that are off the radar, but which nevertheless occupy a logic within structures legitimized by their communities.

**Keywords:** Black Women. Localized Knowledge. Decoloniality.

---

\*Utilizamos a entrevista semiestruturada como técnica. Quanto as colaboradoras, optamos por considera-las atrizes da tessitura do saber situado que cederam seus relatos voluntariamente. Colaboraram conosco duas mulheres das comunidades rurais de São Felipe-Ba e Wenceslau Guimarães-Bahia

- 1 Graduada em Letras Vernáculas (pela Uesb). Graduada em História (pela Uneb). Especialista em Ensino de Língua Portuguesa (pela Uesb). Mestra em Cultura e Sociedade (pela Ufba). Doutoranda em Difusão do conhecimento (pela Uneb). Salvador, Bahia, Brasil. Lattes:<http://lattes.cnpq.br/6687104796082495>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4446-6913>. E-mail: keucarvalho@yahoo.com.br
- 2 Graduada em Serviço Social (pela UCSAL), Graduada em Pedagogia (pela FAEC-Ba) Mestre em Educação de Jovens e Adultos (pela UNEB), especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade (pela UFBA) e Doutoranda em Difusão do Conhecimento pelo PPGDC/UFBA. Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/1044262094356246>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6564-8690>. Email: deysiencruz@hotmail.com
- 3 Graduada em Geografia (pela UPE), Mestre em Educação (pela UAA) e em Extensão Rural (pela UNIVASF, doutoranda em Difusão do conhecimento (pela UFBA). Atualmente é professora da Rede Estadual de Ensino da Bahia. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6766610302810866>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5008-9929>. E-mail: helisandra\_reis@hotmail.com
- 4 Pós-Doutorado no Institute of Latin American Studies (Columbia University/CAPES-PDE); Doutora em Cultura e Sociedade (UFBA); Mestre em Análise Regional (UNIFACS); Especialista em Gerenciamento Ambiental (UCSAL); Bacharel em Turismo (UNIFACS). Professora Adjunta no Departamento de Ciências Humanas I da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2799298547208954>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9922-6584>. E-mail: natalia.coimbra@gmail.com / nsa@uneb.br

## Reflexões iniciais

“Hasta que los leones tengan sus propios historiadores, las historias de cacerías seguirán glorificando al cazador” (Provérbio africano).

As escritas que seguem surgem das inquietudes das autoras acerca dos saberes que circundam os diversos atravessamentos dos saberes não acadêmicos. Por isto, antes, propusemos dizer “de onde narramos”, a fim de melhor dispor e nos fazer compreender pelas palavras que sobressaltam nosso “lugar de fala” (Collins, 2019).

Apesar de nossa separação física, imposta pelo distanciamento social<sup>1</sup>, porém misticamente reconectadas pelos vínculos das nossas ancestralidades, nos descobrimos com vários laços comuns enquanto mulheres negras, professoras, dos rincões do interior da Bahia, ocupando lugares periféricos, seja pela situação socioeconômica ou pelas demandas cotidianas de sermos mães solas e ou pela chegada tardia aos centros acadêmicos, o que ainda reverbera um privilégio quando olhamos nosso arredor.

Ao situarmos nosso lugar de fala, propomos um pensar circunscrito para uma perspectiva decolonial de escritas não-hegemônica. Dito isto, ressaltamos que as considerações aqui postas se assentam com nossas inquietudes pelas ausências de escritas não-hegemônicas nos espaços institucionalizados de produção do conhecimento.

Estes tensionamentos se ampliam à medida que pensamos a construção do conhecimento sob a égide de sermos mulheres estudantes do doutoramento e pesquisadoras involucradas nos marcadores sociais e pelas provocações, seja pelas proposições discursivas ou por ausências delas, mediadas pelo componente curricular “Sociedade, Cultura, Estética e Conhecimento” do Doutorado em Difusão do Conhecimento do Programa de Pós-graduação em Difusão do Conhecimento da UFBA/UNEB/IFBA.

Desse modo, a pergunta de partida da pesquisa aqui apresentada perpassa pela questão como propor uma escrita a partir das percepções localizadas das autoras que desperte ideias sobre as novas possibilidades de outras formas de produção de conhecimentos?

Neste tecer, este artigo tem por objetivo central despertar reflexões sobre as perspectivas para outras formas de se produzir conhecimento a partir de saberes localizados em sintonia com o pensamento decolonial.

Para tanto, não pretendemos com isto negar a importância das epistemologias hegemônicas, mas ousamos desobedecê-las a fim de possibilitarmos ao menos que evoquemos provocações de pensarmos novas epistemologias que materializem um pensamento científico decolonial, a partir de teorias capazes de ecoar vozes historicamente silenciadas; e evidenciar nas estruturas teóricas dos pensamentos decoloniais que elucidam novas e possíveis formas de saberes que colaboram para o enfrentamento ao epistemicídio das ciências não-eurocêntricas.

Sendo assim, a presente proposta de investigação científica perpassa pela pesquisa etnográfica, visto que possibilita estabelecer laços, selecionar sujeitos da pesquisa, mapear o campo de pesquisa, na medida que acolhem, trabalham e aprendem com a diferença (Macedo, 2000, p. 76).

Esta escolha se dá porque concordamos ser necessário uma saída do lugar comum e buscar a insubmissão aos postulados das verdades absolutas e quando estamos dialogando com saberes, culturas, epistemologias de conhecimentos pressupõe-se uma nova forma de pensamento e, assim, a decolonialidade pode e deve contribuir nesse modo de construção de conhecimentos.

## Confluências teóricas não-hegemônica para um (re)pensar epistêmico

Não posso deixar de escrever um último parágrafo, para lembrar que a língua, por mais poética que vai ser, tem também uma dimensão de criar, fixar e perpetuar relações de poder e violência, pois cada palavra que adaptada define

<sup>1</sup> Pandemia do Coronavírus. As aulas presenciais foram suspensas nas universidades, sendo estas realizadas remotamente por meio das plataformas online.

o lugar de uma identidade (Grada Kilomba, Memórias da plantação, 2019).

Para compreensão do presente estudo, que perpassa pela abordagem da escrita de si defendida por teóricas(os), estudosas(os) e escritoras(es) como Carolina Maria de Jesus (1986), Maria da Conceição Evaristo (2005), Suely Messeder (2014), Donna Haraway (1995), Mary Castro (1992), Beatriz Nascimento (2007), Aníbal Quijano (2005), entre outros, faz-se necessário algumas tessituras conceituais as quais estão sendo base desta pesquisa que tem a interface em específico um diálogo do pensamento periférico.

A escrita de si, seja na formação de crianças, jovens e adultos tem tomado um lugar ascendente no Brasil nas últimas décadas. Observa-se, a partir de Evaristo (2005), pesquisas científicas envolvendo narrativas orais, escritas e gestuais, as quais podem ser compreendidas pela defesa da terminologia *escritura de si* da autora como uma multiplicidade de experiências e expressões feministas, antirracistas, antissexistas.

Segundo Evaristo (2005), as *escrituras de si* não podem ser lidas como histórias de ninar a casa-grande, mas sim incomodá-los e, assim, neste estudo serão denominadas como “*escrituras de si*” de forma que têm o propósito de abarcar reflexões em que se teoriza o lugar das lutas contra as opressões interseccionais de mulheres negras e de mulheres negras envelhecidas de regiões da Bahia, as quais são sujeitos das pesquisas das autoras deste estudo científico.

Nesta tessitura, bell hooks<sup>2</sup> (2017) aponta que uma escrita acessível é uma escolha política a qual a autora deve posicionar-se do seu lugar de fala, de vivência, e assim fortalece o lugar aqui entendido como *escritura de si*. E, então, Cunha (2007) defende a metodologia afrocentrada como uma proposta de romper o epistemicídio e enfrentar a ausência de temas concernentes à história, à ciência, à tecnologia e à cultura da população negra dialogada e não sobre a população negra.

O interesse teórico e epistêmico para articular os saberes localizados de Donna Haraway (1995) como perspectiva para a autorias decoloniais se articula pela discussão de pensarmos o pesquisador encarnado proposto por Suely Messeder (2020) enquanto categoria que propõe inserir a pesquisadora na cena das discussões, tendo em vista sua não neutralidade e atravessamentos, mas sem cairmos no reducionismo de focar apenas nas histórias de vida, mas pelos marcadores diversos como classe, raça, gênero e sexualidade, religião, território e outros.

Nas palavras de Messeder (2020, p. 165), “Para sairmos desta cilada da episteme do conhecimento eurocêntrico-colonial, devemos implodir o mapa epistêmico”, e para isto é necessário ecoar vozes historicamente silenciadas, pois sistematicamente os saberes localizados e periféricos, especialmente no Brasil profundo, são muitos, mas sucumbidos pela cultura da hegemonia epistêmica, especialmente se estes saberes são das mulheres negras.

Por isso, pensar a *escritura de si* sob a égide da pesquisadora encarnada em uma perspectiva de autoria decolonial vislumbra, portanto, a possibilidade de ecoar vozes silenciadas das mulheres negras, das analfabetas, das comunidades quilombolas, ribeirinhas, as dos centros religiosos desprestigiados, das mulheres idosas.

Segundo a antropóloga Lélia Gonzalez (1982):

É inegável que o feminismo como teoria e prática vem desempenhando um papel fundamental em nossas lutas e conquistas, e à medida que, ao apresentar novas perguntas, não somente estimulou a formação de grupos e redes, mas também desenvolveu a busca de uma nova forma de ser mulher (González, 1982, p. 12).

É necessário buscar resoluções às questões que interpelam a vida cotidiana dos subalternizados para quebrar o que se impõe como curso natural das coisas. Para isto é necessário romper o mapa epistêmico, perante proposição de Messeder (2014), ouvir e aprender com outros

---

2 bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora norte-americana nascida em 25 de setembro de 1952, no Kentucky – EUA. O nome social foi escolhido pela escritora para assinar suas obras em homenagem aos sobrenomes da mãe e da avó. O nome é assinado e grafado em letras minúsculas e a escritora solicita que se transcreva sempre assim, pois a ideia é dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa (hooks, 2017, p. 32)

saberes para além das ciências consagradas.

Partindo desse pressuposto, de maneira gradativa, as pautas que descortinam o lugar da mulher negra nos palcos da ciência vêm ganhando espaço. Durante as primeiras décadas do século XXI essa é uma realidade suleir, de modo que nas plataformas científicas nacionais as estratégias do epistemicídio vêm sendo rompidas com a descolonização de saberes, embora saibamos que esta é, e será ainda, uma realidade que perpassa por uma situação conjuntural.

Por tudo isso, revela-se imprescindível a escrita feminista negra (Collins, 2019, p. 13) por uma teoria crítica que seja capaz de comprometer-se com as causas das mulheres negras, onde sua visão de mundo e suas experiências vividas, e, a escrita comprometida e desobediente epistemicamente visa este propósito: fazer ressoar suas vozes.

Enegrecer as narrativas (Carneiro, 2011)<sup>3</sup> é o caminho político e acadêmico das lutas pela inclusão de nossas escritas não-canônicas, que não se encontram nos repositórios das universidades, nem tampouco nas academias de letras, mas que estão vivas nas rodas de conversas das mulheres quilombolas e indígenas, nas experiências vividas nas vozes das idosas, das que não são rainhas do lar, das que estão no canto das lavadeiras e daquelas do roçado; encontramos seus saberes nas rezas de quebrantos e no cuidado com a parida e na catação do café.

Por esta premissa é que demarcamos a categoria gênero como um indicador de nossas escritas insubmissas, sem preocupação com a neutralidade, pois o inimigo a ser combatido é o epistemicídio dos saberes localizados que atravessa as experiências das mulheres periféricas. Sobre isto, comungamos com Jurema Werneck (2016, n.p.)<sup>4</sup> de que “como ideais queremos a igualdade, para partilhar tudo o que está posto para os outros, e equidade para fazer justiça, reivindicando ações que superem o fosso que a linha racial nos coloca”.

Nesta partilha, reivindicamos também o lugar de privilégio para registrar as narrativas insurgentes, as desaforadas de sentido, as que contam nossas dores, as que recontam nossas experiências cotidianas, nossas heranças ancestrais, a cosmovisão do ser estar no mundo, as nossas Oralituras (Alves; Filho, 2017).

Escrever neste bojo, é assumir o lugar explícito, no qual as experiências e as vivências de ser mulher negra sejam o palco e não o objeto a ser descrito, combatendo o epistemicídio e o racismo que interfere na construção do ser mulher.

Outra possibilidade de engendramos categorias para o pensamento dos saberes localizados é o da Alquimia, categoria cunhada por Mary Castro (1992) que, segundo a autora, ao juntarmos diversos elementos teóricos produziremos conhecimento próprio e singular. São os saberes localizados na fusão de tantos outros saberes que emergem das relações entre as mulheres que tecem seu dia-a-dia entre o saber e o fazer.

Compreender os marcadores que coadunam com o saber localizado é pensar em movimento, com vias de uma escrita que mistura epistemologia e ativismo, conduzindo para outras possibilidades e olhares que vislumbrem outras formas de produzir conhecimento enquanto construções históricas, culturalmente produzidas e legitimadas por vias institucionais.

Sobre isto, Beatriz Nascimento (2007) diz que discutir o pensamento crítico a partir da mobilização intelectual é a tomada de consciência no que diz respeito ao ser negro e negra do seu universo de pertença. Tomando isto como possibilidades da mobilização intelectual dar-se-á no universo brasileiro, a oportunidade de uma contranarrativa ao que até então foi contada pelos intelectuais brancos e majoritariamente do sexo masculino, como Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro, que se utilizaram de ideologias à sua realidade, e com isto sair dessa compreensão estrutural linear sobre a sociedade.

Tendo apresentado as categorias na perspectiva alquimista, discorreremos como estes entrelaçamentos teóricos deságuam para um aspirar epistêmico decolonial em conformidade ao pensamento de Aníbal Quijano (2005).

Este artigo apresenta-se como discussão teórica para uma narrativa desobediente e uma lógica não-binária do conhecimento que serve como um “aporte teórico metodológico para se pensar (...) e construir estratégias para o enfrentamento desse paradigma” (Crenshaw, 2002, p. 54)

<sup>3</sup> Fazendo menção ao “Enegrecer o feminismo” (Carneiro, 2011).

<sup>4</sup> Entrevista ao “Brasil de Fato”, Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/07/27/jurema-werneck-somos-herdeiras-de-mulheres-que-construiram-a-propria-forca/>>. Acesso em: 28 nov. 2021.

a desembocar na produção do conhecimento decolonial.

## **Caminho metodológico**

Surgente no Iluminismo e consolidada pelos fundadores da sociologia, especialmente Durkheim e Weber, a ciência moderna suplantou o princípio da neutralidade. Ao longo desse tempo, fazer ciência neutra configura-se na supremacia do pensamento eurocêntrico sobre o conhecimento, entranhado pelo patriarcado que inviabilizou o pensamento das mulheres.

Só com os Estudos Culturais nas décadas de 1960 e 1970, Hall (2006), e a posteriori o movimento Decolonial, é que as pautas dos saberes abissais lançaram novos paradigmas de investigação aos fenômenos sociais.

Esta breve contextualização histórica da evolução da ciência, e seu recorte para as Ciências Humanas tem como propósito dizer que a ciência, pela perspectiva decolonial, reverbera pela diversidade humana e sua construção social que considera toda forma de conhecimento, não sendo, portanto, neutra.

Escrever neste viés é ousar-se por uma epistemologia do “Conhecimento situado” Haraway (1995), de forma a caminhar para uma ruptura científica. E assim como o “Anjo da História” (Benjamin, 2012), a perspectiva de uma epistemologia decolonial que vislumbre os saberes localizados é um constante movimento para o futuro, e faz com a “(...) urgência frenética de voar para longe dos cadáveres espalhados pelos campos de batalha do passado” (Bauman, 2003, p. 23).

Perante o exposto, este texto debruçar-se-á pela escrita decolonial, não como negação à ciência de bases hegemônicas, mas como forma de perseguir outras formas de entendimento sobre a produção do conhecimento.

Pensando na lógica de uma pesquisa que rompa o mapa epistêmico, este trabalho terá como método o “conhecimento situado”, cujo sujeito e o objeto em confluência produzam o conhecimento científico. Este saber localizado trará contribuições que servirão de referência para outras mulheres que têm suas histórias atravessadas por algum marcador apresentado por estas em um processo de constante reflexividade.

Propomos uma pesquisa comprometida localmente, em que as narrativas se direcionam para uma autoria decolonial em defesa da construção de uma episteme que fomente outras formas de produzir ciência que não somente o conhecimento historicamente tido como legítimo cientificamente.

Nesse sentido, Haraway (1995, p. 16) argumenta que:

Não queremos uma teoria de poderes inocentes para representar o mundo, na qual linguagens e corpos submerjam no êxtase da simbiose orgânica. Tampouco queremos teorizar o mundo, e muito menos agir nele, em termos de Sistemas Globais, mas precisamos de uma rede de conexões para a Terra, incluída a capacidade parcial de traduzir conhecimentos entre comunidades muito diferentes - e diferenciadas em termos de poder.

Nestes termos, a pesquisa do conhecimento situado proporciona para a construção de uma escrita decolonial, de sujeitos cognoscentes, sensíveis, e que vivenciam a realidade social, sendo estes sujeitos atrizes da pesquisa e não meras coadjuvantes de uma relação vertical sujeito e pesquisadora, mas na relação de reciprocidade.

Os procedimentos metodológicos adotados neste artigo têm um caráter exploratório e prezam por uma abordagem qualitativa, envolvendo a discussão teórica e, como técnica, a análise de dois pequenos recortes de entrevistas com duas mulheres que nos auxiliaram na compreensão do objeto estudado. Para dar conta dessa proposta metodológica decolonial, a qual se baseia nos saberes localizados, utiliza-se como premissa de método a Etnografia.

O método Etnográfico nesta pesquisa privilegiará o deslocamento epistemológico e crítico entre a teoria e a etnografia, em que todos os sujeitos – pesquisadoras e pesquisadas – serão

com base na relação de reciprocidade em todo o processo de forma a pensarmos a posição do subalterno, as formas de conhecer e fazer, as temporalidades, as relações e as emoções entre o “Eu e o Tu” (Santos, 1989).

Esta Etnografia voltar-se-á para a pluralidade de saberes que sob a “perspectiva negra decolonial brasileira” (Gomes, 2018) legitima as narrativas plurais das mulheres quilombolas perante o paradigma do pensamento complexo em que todas nós somos parte.

O presente artigo, por ora, não pretende abordar detalhadamente em profundidade todos os conceitos que integram a literatura explicitada. A finalidade aqui é apresentar uma visão do conjunto, sintetizando seus elementos mais pontuais ora sinalizado.

Nesse aspecto, algumas considerações genéricas feitas ao longo deste trabalho podem desconsiderar especificidades importantes ao tema proposto e os materiais de base estudado, simplificando e, no limite, generalizando o foco de seus argumentos.

### **Breves narrativas de saberes situados para pensar autorias Decoloniais**

A voz de minha bisavó ecoou  
criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecou baixo revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela

A minha voz ainda  
ecoou versos perplexos  
com rimas de sangue  
e fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.

Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância,  
o eco da vida-liberdade.

(Conceição Evaristo).

Partindo da premissa do Conhecimento situado de Haraway (1995), a presente pesquisa debruça-se sobre os saberes de duas mulheres que não sabem da existência uma da outra, a

fim de que possamos perceber como os seus saberes se interseccionam quando tratam de sua historicidade, vivida no seu cotidiano particular, impregnadas de sentidos e subjetividades, a partir de seus lugares sociais e políticos.

Uma é Dona Senhorinha Rosa, moradora da comunidade Quilombola de Nova Esperança, município de Wenceslau Guimarães-Ba, mãe, esposa, vó, funcionária pública aposentada, líder comunitária e com importante papel como religiosa da igreja católica, onde é devota de Santo Antônio e Nossa Senhora do Rosário.

A outra é Dona Rita<sup>5</sup>, uma recém idosa, que acabou de completar 60 anos, aposentada como técnica de enfermagem, residente em São Felipe-Ba. Mãe, bisneta, esposa, vizinha, católica e devota de Santo Antônio.

Como fio condutor, direcionamos para elas três questões: 1. O que é ser mulher e negra? 2. Descreva sua rotina nas diversas formas de ser mulher (mãe, trabalhadora, dona de casa, avó, filha, esposa, liderança comunitária, liderança religiosa, etc.); 3. O que você traz de experiência de vida que foi aprendido por sua mãe e deseja deixar como herança de vida para os seus e a sociedade?

De imediato, é notório os atravessamentos identitários. Além do perfil mãe, vó e aposentadas, professam a mesma fé e são devotas do mesmo santo que urge como indicador de pertencimento, que apesar da distância territorial, os vínculos de ancestralidade as une em uma estreita relação de cosmovisão identitária.

Sobre ser mulher negra:

Além de ter pele negra retinta como eu, é viver em um mundo desigual, perverso, onde vivemos uma herança escravagista. Por muitas vezes somos humilhadas, maltratadas. Tenho duas experiências que quero contar que são marcantes e eu trago até hoje. A primeira foi quando um chefe meu, na área da saúde, me disse ainda bem que você tem essas canelas secas e pretas para correr esse hospital atrás dos pacientes (Dona Rita, 2021).

Ser negra é assumir a sua entidade é amar a cor de sua pele, é saber que temos os mesmos direitos quanto os brancos... Que muitos cidadãos ou cidadãs negras há muito mais para ver do que a cor da pele. Eu nunca tive medo e nem vergonha, de ser negra (Dona Senhorinha Rosa, 2021).

Ao descreverem sua rotina:

[...] é difícil, pois eu sou pai e mãe de duas filhas maravilhosas, sou neta e sobrinha de duas idosas que moram comigo e as duas com necessidades de cuidados pela própria velhice. Sou ainda trabalhadora do lar, o que muitos não valoriza, mas eu que já trabalhei por muitos anos fora, na área da saúde, posso dizer que os trabalhos domésticos cansam muito mais. Resumo minha rotina a esse lugar que pra mim já marca demais o que é ser mulher negra [no] dia a dia, sempre cuidadora de si e da família. Às vezes tenho orgulho, às vezes me sinto cansada e é isso (Dona Rita, 2021)

Sou casada e tenho 3 filhos, sou boa mãe, sou agricultura, já trabalhei na roça junto com meu esposo, sou avó e amo muito os meus. Trabalhei 16 anos de servidora pública, hoje sou pensionista, mas trabalho em casa, sou católica, ajudo a igreja na parte da animação com cantos e faço isso com muito amor e fé. Sempre trabalhei e atuei em várias funções ao mesmo tempo (Dona Senhorinha Rosa, 2021).

5 O nome da entrevistada foi mantido, por opção da mesma.

Sobre a terceira pergunta, as entrevistadas apontam:

Minha mãe me ensinou se reinventar sempre, eu não entendia, hoje vejo que ela quis me dizer, você só terá você, filha. A responsabilidade incondicional de ser mãe é sempre tentar nos mostrar os calos da vida e que são nossos e precisaremos enfrentar. O mesmo faço com minhas filhas hoje. O bom é que vivi numa era que ainda era possível a educação doméstica com mais respeito do que hoje, que as redes sociais tão aí para ensinar o que é bom e o que não presta, acho que no meu tempo aproveitei mais esses ensinamentos da minha mãe, por isso eu sou família, sou responsável, mesmo quando é difícil cuidar de uma casa sozinha (Dona Rita, 2021).

A lição de vida que aprendi da minha mãe foi ser boa esposa, boa mãe, ser amiga de todos, não guardar ódio, plantar flores, cuidar da casa, costurar e bordar, amar a família, ser paciente, visitar os doentes, e viver feliz com a vida e me esforçar para fazer os outros felizes. E sempre passo isso para meus filhos. (Dona Senhorinha Rosa, 2021).

As duas narrativas entrecruzam-se em todo o percurso, tendo em vista que, para ambas, ser negra é um reconhecimento de si na perspectiva política, e que apesar da diferença discursiva, as narrativas recaem na compreensão crítica do lugar de ser negra em tempos atuais de forma que enfrentam uma realidade estrutural do racismo. Elas apontam para a mesma direção ao tocante às suas rotinas, e apresentam a jornada de trabalho exaustiva que exercem ou exerceram, coadunando com o que se sabe sobre o dia-a-dia da mulher negra.

A sensação de orgulho é acompanhada do discurso do cansaço, todavia, é importante ressaltar que se sentem orgulhosas por serem de certa forma pedestais da família. Sobre as heranças ancestrais, o olhar sobre as aprendizagens herdadas da mãe. Dona Rita demonstra uma profunda consciência de que a peleja de ser mulher negra e mãe é sobrecarregada de muitas responsabilidades. Já Dona Senhorinha Rosa apresenta um olhar mais afetuoso dos ensinamentos que aprendera com sua mãe.

Percebe-se sutilmente, pois é natural que seja assim, a interseccionalidade situadas nas narrativas das entrevistadas. A questão racial, de gênero, de classe e intergeracional marca expressivamente lugar de fala de cada uma delas.

O que se destaca na narrativa da entrevistada Dona Rita é a performance do ser mulher negra em tempos atuais, onde além de ser chefe de família é cuidadora de toda a casa e isso se forma na sua composição familiar de apenas mulheres e o quanto a feminização da velhice é aparente na sua composição familiar. Quanto às narrativas de Dona Senhorinha Rosa é o lugar de centralidade que ocupa perante a família, os afazeres e a igreja, mas com profunda consciência do seu lugar de mulher negra.

Fato é que em ambas é possível tirar lições dos seus saberes situados no ser mulher negra, trabalhadora, religiosa. As poucas palavras apresentam-se na escrita situada através de seu espaço, tempo e intersecções.

As breves narrativas suscitadas pelas interlocutoras mostram-nos que, apesar do distanciamento físico entre elas, há conexão de pensamento e isto porque a experiência de serem mulheres negras emergem nas formas de perceberem a si, aos outros e na expectativa de um mundo melhor.

Destas, evoca-se ainda a ancestralidade e a ideia de conexões e compromissos que se deve ter quando nos debruçamos, aceitamos produzir, criar, imaginar um novo conhecimento comprometido que possibilite, talvez, dar uma resposta Decolonial do subalternizado perante o eurocentrismo.

## (In)Conclusões provocativas

Inicialmente deixar nessas (in)conclusões provocativas a expressiva dificuldade em encontrar para este estudo científico bibliografias e indicações referenciais que fossem Decoloniais, ou seja, que dialogassem a partir do universo de compreensão no sentido ético da realidade interseccional das mulheres negras. Não obstante as bibliografias, quão as autoras se intercambiavam em suas escritas e reflexões ainda subalternizadas e, percebendo isso, foram se afinando na tentativa de descolonizar.

Diante do arsenal bibliográfico, intencionalmente desafiador, têm-se as narrativas das mulheres negras entrevistadas que tecem um diálogo interseccional que apontam saberes localizados das suas experiências de vida e com isso permitem despertar reflexões que se cristalizam nesta pesquisa em total sintonia com o pensamento decolonial.

Evidenciando uma realidade estrutural, do patriarcado, do racismo, do sexismo, da intergeracionalidade invisível na narrativa das mulheres entrevistadas, o presente estudo se dispõe em, para além das denúncias interseccionais e epistêmicas da escrita acadêmica, pontuar que saberes localizados são interseccionais e devem ser considerados como estratégia de decolonização de uma escrita e de rompimento do epistemicídio intelectual como defendem Collins (1997) e Carneiro (2011).

No conceber deste artigo, refletimos que epistemologia é o conhecimento e o valor que a ele é dado, e optamos por vislumbrar os saberes de mulheres periféricas, enquanto agentes do conhecimento situado e legítimo dentro da lógica que as estruturam enquanto sujeitas de sua própria história.

Com isso, afirma-se ainda que o estudo alcançou os objetivos propostos e permitiu tessituras de uma discussão apropriada, respeitando eticamente o lugar de fala das mulheres interlocutoras da nossa pesquisa e considerando obviamente a ciência na sua integralidade, por isso o intercâmbio teórico com as narrativas, mas, principalmente se dispo de difundir saberes localizados de mulheres negras rumo às perspectivas de autorias Decoloniais por ora externadas nas palavras de Carolina Maria de Jesus (1986, p. 14) “Cheguei à conclusão de que não necessitamos perguntar nada a ninguém. Com o decorrer do tempo vamos tomando conhecimento de tudo”.

## Referências

ALVES, Janaina Bastos; FILHO, Eudaldo Francisco dos Santos. A tradição oral para povos africanos e afrobrasileiros: relevância da palavra. **Revista da ABPN, v. 9, Ed. Especial** - Caderno Temático: Saberes Tradicionais, dezembro de 2017, p. 50-76.

BAUMAN, Zygmunt. A agonia de Tântalo. In: BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 13-23.

BAUMAN, Zygmunt. Da igualdade ao multiculturalismo. In: BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 82-99.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da História**. Tradução João Barrento. 1a.ed. São Paulo: Autêntica Editora, 2012.

CARNEIRO, Sueli. Identidade Feminina. **Cadernos Geledés**, nº 4, 1993.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. [S.l.: Unifem], 2011.

CASTRO, Mary Garcia. Alquimia de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos. Gênero, Raça e Geração entre Líderes do Sindicato de Trabalhadores Domésticos em Salvador. **ESTUDOS FEMINISTAS**, Ano 57, No. 92, p. 57-73.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Trad. Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill.. Epistemologia feminista negra. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades). pp. 139-170.

CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero**. 2002. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wpcontent/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2021.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no Mundo**: Etnia, Marginalidade e Diáspora. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária UFPB, 2005.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO COSTA, Joaze; MALDONADO TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Cultura Negra e Identidades). pp. 223-246.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino**. Caderno de formação política do círculo Palmarino, [S. l.]: Batalha de ideias, n. 1.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, M. (Org.). **O lugar da mulher**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

HARAWAY, Donna. **Saberes Localizados**: a questão da ciência para o feminino e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, 5, 1995.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MACEDO, R. S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: Edufba, 2000.

MESSEDER, Suely Aldir. A construção do conhecimento científico blasfêmico ou para além disto nos estudos de sexualidades e gênero. In: **II Congresso de Estudos Poscoloniais**. III Jornadas de Feminismo Poscolonial, 2014. v. 2.

MESSEDER, Suely Aldir. A pesquisadora encarnada: uma trajetória decolonial na construção do saber científico blasfêmico. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pensamento Feminista Hoje**: Perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

NASCIMENTO, Beatriz. Negro e racismo. In: RATTIS, Alex. **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Kuanza, 2007.

MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ideia, 2005.

PITASSE, Mariana. Brasil de fato. Jurema Werneck: “Somos herdeiras de mulheres que construíram a própria força”. **Brasil de fato**. 27 de julho de 2016. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2016/07/27/jurema-werneck-somos-herdeiras-de-mulheres-que-construiram-a-propria-forca/>>. Acesso em: 18 set. 21.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. **Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2005.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução à Uma Ciência Pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

Recebido em 15 de setembro de 2022.

Aceito em 11 de julho de 2023.